



# **DA VIVÊNCIA COLETIVA À SUSTENTABILIDADE: OS SIGNIFICADOS DE FAZER PARTE DE UMA COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA (CSA)**

**FROM COLLECTIVE EXPERIENCE TO SUSTAINABILITY: THE  
MEANINGS OF BEING PART OF A COMMUNITY-SUPPORTED  
AGRICULTURE (CSA)**

# DA VIVÊNCIA COLETIVA À SUSTENTABILIDADE: OS SIGNIFICADOS DE FAZER PARTE DE UMA COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA (CSA)

## FROM COLLECTIVE EXPERIENCE TO SUSTAINABILITY: THE MEANINGS OF BEING PART OF A COMMUNITY-SUPPORTED AGRICULTURE (CSA)

Mariana Pereira Viana Valle<sup>1</sup> | Mayra Monteiro Viana<sup>2</sup> | Solange Alfinito<sup>3</sup>

Recebimento: 26/02/2021  
Aceite: 06/02/2024

<sup>1</sup> Bacharel em Administração (UNB).  
Brasília – DF, Brasil.  
E-mail: mari.valle1998@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Administração (UNB).  
Brasília – DF, Brasil.  
E-mail: mayra.viana@alumni.usp.br

<sup>3</sup> Doutora em Psicologia Social (UNB).  
Docente na Universidade de Brasília.  
Brasília – DF, Brasil.  
E-mail: salfinito@unb.br

### RESUMO

A Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) é um movimento caracterizado como uma Rede Alimentar Alternativa (RAA). A CSA é viabilizada pelo engajamento de indivíduos que se comprometem com a produção agrícola e recebem cotas dos alimentos. O objetivo deste trabalho é analisar o significado, tanto para agricultores quanto para consumidores, de fazer parte da CSA, por meio de dois estudos empíricos complementares. No Estudo 1, 15 membros de seis CSAs foram entrevistados sobre “o que significa fazer parte de uma CSA” e as respostas foram analisadas utilizando técnicas de análise textual pelo software Iramuteq. No Estudo 2, através de um questionário aplicado a 59 consumidores de duas CSAs, foram listados os “significados de fazer parte” de uma CSA. Os dados foram descritos e submetidos à análise de agrupamento hierárquico aglomerativo e os grupos foram comparados pelo teste de Kruskal-Wallis. Por fim, os resultados dos dois estudos foram analisados. O senso de comunidade, a valorização do agricultor, o acesso a alimentos saudáveis e a promoção da sustentabilidade foram percebidos pelos entrevistados como significados importantes. Estes são insights relevantes para a criação de estratégias dentro do contexto das RAAs, especialmente visando atrair consumidores alinhados com o conceito de cidadania alimentar.

**Palavras - chave:** Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA), Redes Alimentares Alternativas (RAA), cidadania alimentar.

## ABSTRACT

The Community-Supported Agriculture (CSA) is a movement characterized as an Alternative Food Network (AFN). This system is made possible by engaging individuals who commit to agricultural production and receive food quotas. This work aims to analyze the meaning of belonging to a CSA, among farmers and consumers. Such goal was pursued by two complementary empirical studies. In Study 1, fifteen members of six CSAs were interviewed regarding “what it means to be a part of a CSA”. The responses were analyzed using textual analysis techniques with the Iramuteq software. In Study 2, a questionnaire was applied to 59 consumers from two CSAs in order to list the “meanings of being part” of a CSA. The data were described and assessed by agglomerative hierarchical cluster analysis, and the groups were compared using the Kruskal-Wallis test. Finally, the results of the two studies were analyzed. The interviewees perceived the sense of community, appreciation for the farmer, access to healthy food, and promotion of sustainability as important meanings. These are relevant insights for creating strategies within the context of AFNs, especially in order to attract consumers aligned with food citizenship.

**Keywords:** Community-Supported Agriculture (CSA), Alternative Food Networks (AFN), food citizenship.

## INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, têm sido relatadas preocupações de consumidores com questões éticas, de comércio justo e de alimentos orgânicos, focando em métodos de produção e condições de trabalho abaixo do padrão (De Tavernier, 2012). Porém, os consumidores também têm mostrado interesse em aspectos mais amplos, como a segurança alimentar e o impacto ecológico dos alimentos (De Tavernier, 2012). Entre esses grupos, há indivíduos amplamente comprometidos com a sustentabilidade ambiental e social dos sistemas alimentares (Lozano-Cabedo; Gómez-Benito, 2017). Tais consumidores, quando bem-informados e engajados, podem ser denominados cidadãos alimentares — um conceito que estende a cidadania geral à esfera alimentar (Lozano-Cabedo; Gómez-Benito, 2017).

Nesse contexto, a cidadania alimentar configura-se como a integração de uma ampla variedade de atores sociais, incluindo consumidores. Estes, ao se mostrarem insatisfeitos com o funcionamento do sistema alimentar convencional, propiciam o surgimento e o funcionamento de Redes Alimentares Alternativas (RAA) (Lehner, 2013). As RAAs são arranjos produtivos que aprimoram as regras de mercado e empoderam agentes em toda a cadeia alimentar (Carolan, 2014), envolvendo



pontos de venda alternativos, com modelos de distribuição diferenciados que aproximam o produtor do consumidor final.

Há diferentes modelos de RAAs, e alguns estudos já buscaram compreendê-las sob os aspectos de governança, motivações e impactos (Denny; Worosz; Wilson, 2016). São movimentos agrícolas alternativos que tentam refazer nosso sistema alimentar de forma mais econômica, socialmente justa, local e ambientalmente sustentável (Schnell, 2007), apresentando-se como uma tecnologia social capaz de ser utilizada como instrumento de mudança com efetivas soluções de transformação social (Dagnino, 2011).

Um aspecto importante desses sistemas é a necessidade de reconhecer como seus participantes estão conectados, não apenas suas qualidades individuais. Ou seja, modelos bem-sucedidos são o resultado de um processo que envolve redes de produtores, consumidores e instituições em ciclos contínuos de interação e troca (Lehner, 2013).

Atualmente, a Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA), considerada um movimento mundial, é um dos casos mais emblemáticos de RAA (Schnell, 2007). Pela CSA, alimentos orgânicos oriundos da agricultura familiar são oferecidos diretamente ao consumidor final, denominado coagricultor neste modelo. A CSA está relacionada ao reconhecimento do trabalho no campo, à preservação do meio ambiente e à disponibilização de produtos a coagricultores por um preço justo (Lopes; Viana; Alfinito, 2020).

Tierling e Schmidt (2016, p. 5) apontam que nas comunidades rurais “são comuns ações espontâneas que promovem a solidariedade, a cooperação e a união das pessoas”. Tais práticas possibilitam uma integração social, promovendo uma segurança mútua em situações de dificuldade, que podem ser vinculadas à adesão dos agricultores às Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA), visando gerar oportunidade de segurança e estabilidade aos envolvidos.

Produtores e consumidores (coagricultores) atribuem significados ao fato de fazer parte de uma CSA, e tais significados, se compreendidos, podem ser utilizados para informar e motivar mais indivíduos a participarem do movimento. A base da CSA está no conceito de cidadania alimentar, que pode significar justiça e equidade (Lozano-Cabedo; Gómez-Benito, 2017), permitindo que indivíduos cuidem de sua saúde e do planeta (De Tavernier, 2012). Pode também significar acesso



ao desenvolvimento de uma economia local, mantendo a diversidade e a qualidade dos produtos alimentícios (Lyson, 2005). Contudo, faltam estudos voltados especificamente para o consumidor brasileiro que classifiquem esses significados, o que motivou a realização do presente trabalho.

## PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS

A problemática da pesquisa relaciona-se à importância de transformar a governança do sistema alimentar em modelos mais resilientes, justos e equilibrados (Escajedo San-Epifanio, 2015). Compreender o significado de fazer parte de uma CSA contribui significativamente para a agenda de pesquisa, convidando a investigar como as RAAs operam e se tornam bem-sucedidas (Lehner, 2013). Ainda é necessário investigar a percepção de indivíduos envolvidos em CSAs no Brasil sobre os significados desse movimento, e o presente trabalho contribui para reduzir essa lacuna.

Considera-se a atual situação econômica do Brasil, que demonstra a crescente importância da agricultura familiar para a economia brasileira, “fazendo-se necessário esforços para buscar soluções e alternativas para a adequação da qualidade de vida no meio rural, além de melhoria na geração de renda e desenvolvimento dessas propriedades” (Andrade *et al.*, 2014). Uma solução possível está no âmbito das CSAs, com a geração de emprego e renda, segurança alimentar e desenvolvimento local e sustentável.

O propósito norteador combina o avanço teórico e o desenvolvimento prático do sistema, possibilitando a atração de novos membros, a criação de novos modelos e a própria manutenção do sistema atual. Diante disso, a pergunta que orienta este trabalho é: o que significa, para agricultores e consumidores (coagricultores), fazer parte de uma Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA)?

Para respondê-la, realizou-se uma análise de dois estudos empíricos complementares, de lógica indutiva. O objetivo foi analisar o significado, para agricultores e coagricultores, de pertencer a uma CSA, perseguido por meio dos objetivos específicos de: (a) identificar as principais classes de significados de pertencer a uma CSA para produtores e coagricultores (Estudo 1); e (b) agrupar coagricultores a partir do significado de pertencer a uma CSA (Estudo 2).



## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Cidadania alimentar é um termo que se articula com o fato de alguns consumidores estarem cada vez mais conscientes do impacto de suas escolhas, comprometendo-se a alcançar um padrão de consumo de alimentos compatível com seus ideais. A cidadania alimentar está relacionada ao reconhecimento dos direitos e deveres relacionados à alimentação, o que envolve, por exemplo, acesso, informação, participação política e senso de justiça (Lozano-Cabedo; Gómez-Benito, 2017).

Em resumo, Lozano-Cabedo e Gómez-Benito (2017) afirmam que a cidadania alimentar se fundamenta no reconhecimento do direito social à alimentação suficiente, saudável e de qualidade. Além disso, destacam as responsabilidades que recaem sobre o indivíduo em relação à sua inserção no sistema alimentar, sublinhando a importância da consciência e da participação ativa na busca por práticas alimentares mais sustentáveis e éticas.

Nesse contexto, a cidadania alimentar é caracterizada pela introdução de formas inovadoras no consumo de alimentos (De Bakker; Dagevos, 2012), com indivíduos tomando pequenas decisões de maneira consistente e insistente (Wilkins, 2005). Nesse processo, os atores da cadeia alimentar se unem, adquirem um senso de seus direitos de produzir e consumir alimentos e exercitam esses direitos adquiridos (Sonnino *et al.*, 2016). Além dos direitos, os envolvidos também consideram seus deveres de participar da governança do sistema alimentar (Lozano-Cabedo; Gómez-Benito, 2017). Por fim, a cidadania alimentar tem como característica ser bastante inclusiva, manifestando-se nas esferas individual e coletiva e ocorrendo em ambientes públicos e privados (Lozano-Cabedo; Gómez-Benito, 2017).

A cidadania alimentar prevê o apoio em rede de consumidores e produtores. A exemplo, temos o sistema de cadeias curtas agroalimentares, que se fortalecem a partir do envolvimento e dedicação dos agricultores e consumidores e geram um desenvolvimento socioeconômico local, baseado na importância de atores e agentes na construção e fortalecimento dos canais de comercialização (Martins; Sonáglio, 2019).

De uma forma ampla, pode-se propor que cidadãos alimentares sejam pessoas que compartilham uma paixão por alimentos e plantas (De Bakker; Dagevos, 2012) e que estejam conectadas ao planeta e a outras pessoas (O’Kane, 2016). São pessoas com alto grau de empatia pelo outro (Carolan, 2017)



e que carregam valores de cuidado à comunidade e ao meio ambiente (De Bakker; Dagevos, 2012). Indivíduos considerados cidadãos alimentares agem de maneira reflexiva e proativa (Lockie, 2009), guiados por suas preferências, interesses e preocupações (Gómez-Benito; Lozano, 2014). Essas ações consistem em comportamentos coerentes em relação às escolhas alimentares, hábitos alimentares e advocacia alimentar junto ao governo (Gómez-Benito; Lozano, 2014).

Assim, a cidadania alimentar é uma questão relevante que envolve grandes espaços de discussão, pois é uma abordagem relativamente nova e em ascensão. A análise da literatura da área traz a percepção de que aspectos empíricos ainda precisam ser aprofundados e especificados, principalmente quando se trata de olhar o cidadão alimentar como parte de sistemas de consumo. Isso traz a necessidade de pesquisas adicionais que explorem interações específicas entre cidadãos alimentares e os sistemas de consumo, visando preencher lacunas empíricas.

Um desses sistemas é a Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA), um movimento com quase três mil comunidades na Europa (Volz *et al.*, 2016) e mais de seis mil nos Estados Unidos (Woods *et al.*, 2017). No Brasil, há mais de 100 CSAs (Meireles, 2018), sendo que o Distrito Federal concentra uma parcela importante do total nacional e observa um crescimento dessas comunidades: Brasília (DF) passou de 17 CSAs em 2016 para 35 em 2020 (CSA Brasília, 2024). Porém, para que as CSAs e outras RAAs cresçam, é necessário favorecer o acesso à informação pelo indivíduo (Jacobs *et al.*, 2011) e o engajamento pelo consumidor (Arbit *et al.*, 2017).

A cidadania alimentar prevê o apoio em rede de consumidores e produtores e as CSAs podem servir de exemplo deste modelo, pois se fortalecem a partir do envolvimento e dedicação dos agricultores e consumidores, gerando um desenvolvimento socioeconômico local baseado na importância de atores e agentes na construção e fortalecimento dos canais de comercialização (Martins; Sonáglio, 2019). De acordo com Lopes, Viana e Alfinito (2020), consumidores têm a garantia de produtos saudáveis e sustentáveis à mesa, e trata-se de um modelo relevante a ser estudado e fortalecido, inclusive em momentos de crise.



## MÉTODO

Para alcançar os objetivos propostos, realizaram-se dois estudos, cujos procedimentos metodológicos são detalhados a seguir. É importante mencionar que o Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília (UnB) dispensou estudos que envolvem questionários de uma aprovação formal, conforme estipulado pelo Conselho Nacional de Saúde por meio da Resolução CNS n.º 510/2016.

### ESTUDO 1

O primeiro estudo, exploratório e de natureza qualitativa, coletou dados por meio de entrevistas semiestruturadas presenciais com 15 membros de seis CSAs de Brasília (DF), sendo nove agricultores e seis coagricultores (consumidores), entre dezembro de 2019 e março de 2020. O perfil dos participantes consistiu em nove mulheres e seis homens, moradores de diferentes regiões de Brasília (DF), com idades entre 23 e 69 anos. Em relação à escolaridade dos entrevistados, sete tinham pós-graduação (especialização, mestrado ou doutorado), dois tinham ensino superior completo, quatro tinham ensino médio completo e dois tinham ensino médio incompleto ou menor escolaridade.

Em relação ao instrumento, o roteiro de entrevista continha 14 perguntas sobre o significado de fazer parte de uma CSA, motivações, informações e habilidades necessárias para ser um membro deste tipo de comunidade. As questões voltadas às motivações, informações e habilidades foram especialmente embasadas na teoria IMB Model (Fisher *et al.*, 2006). Essa abordagem teórica proporciona uma estrutura conceitual valiosa para compreender as inter-relações entre Informação (Information), Motivação (Motivation) e Habilidade (Behavioral Skills), fornecendo uma base teórica sólida para analisar comportamentos. Este estudo, especificamente, se concentra no aprofundamento da análise textual da pergunta: “Em poucas palavras, o que significa, para você, fazer parte de uma CSA?”. A partir dessa questão, coagricultores e agricultores das CSAs expuseram o que significa, para eles, pertencer a uma comunidade deste movimento. Assim, a questão central do instrumento de coleta de dados buscou compreender o significado atribuído pelos participantes ao envolvimento em uma CSA.



Sobre os procedimentos, as entrevistas foram agendadas ou obtidas por meio de convite presencial aos membros, em especial durante os encontros semanais de entrega de cestas de frutas e hortaliças, nos pontos de convivência estabelecidos por cada CSA. Todos os entrevistados preencheram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e autorizaram a gravação das entrevistas, que tiveram duração de 9 a 48 minutos. A decisão de conduzir 15 entrevistas foi fundamentada no conceito de saturação teórica proposto por Bardin (2016), segundo o qual a saturação teórica ocorre quando a coleta de dados atinge um ponto em que novas entrevistas não contribuem significativamente para o entendimento do fenômeno em estudo.

As entrevistas foram transcritas na íntegra e analisadas por meio do software Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*). O Iramuteq é uma ferramenta gratuita para a análise dos dados textuais, a exemplo dos obtidos em entrevistas, obtendo-se resultados que indicam caminhos a serem explorados e interpretados manualmente (Salviatti, 2017). Ele é integrado ao software R para realização de análises estatísticas e exibição de gráficos e, no caso do presente estudo, foi utilizado o R na versão 3.6.2. O corpus (conjunto de textos que se pretende analisar) foi organizado no programa Libre Office e o texto foi padronizado como UTF-8 (8-bit Unicode Transformation Format), sendo então importado para o Iramuteq. O Iramuteq organiza os dados qualitativos em segmento de texto (ST) e reagrupamento de texto (RST), realizando análises estatísticas a partir de tais elementos (Salviatti, 2017). Com isso, o Iramuteq fornece apoio às análises textuais que, neste estudo, se concentraram na análise de classificação hierárquica descendente (CHD) e na análise fatorial de correspondência (AFC).

A CHD fornece classes que podem ser definidas como um agrupamento constituído por várias Unidades de Contexto Elementar (UCE) de vocabulário homogêneo (Nascimento; Menandro, 2006). Ou seja, cada classe reúne elementos similares, que condizem a um mesmo contexto textual. Neste estudo, as classificações foram geradas pelo software a partir do modelo Reinert. O modelo propõe uma classificação hierárquica que exhibe classes de segmentos de textos (ST) que possuem vocabulários semelhantes entre si, baseados na proximidade léxica, e diferentes das outras classes, com base no teste qui-quadrado. Nessa análise, o Iramuteq processa o texto para que sejam identificadas classes que permitem inferir quais ideias o corpus textual transmite (Salviatti, 2017).



A AFC, por sua vez, é um cruzamento entre o vocabulário (considerando a frequência de incidência de palavras) e as classes. Esse processo resulta em uma representação gráfica, apresentada em um plano cartesiano, que demonstra de forma visual as oposições entre as diversas classes ou formas presentes no corpus textual, conforme explicado por Nascimento e Menandro (2006). A sinergia entre as técnicas de CHD e AFC, suportadas pelo uso do software, viabilizou uma avaliação do conteúdo do corpus. Essa abordagem metodológica proporcionou as análises que subsidiaram a elaboração das descrições das classes identificadas, através da análise textual.

## ESTUDO 2

O segundo estudo, complementar ao primeiro e de caráter descritivo, foi realizado a partir de um questionário on-line aplicado junto a coagricultores de duas CSAs de Brasília (DF), aqui denominadas CSA1 e CSA2. O instrumento foi elaborado pelas pesquisadoras no Google Forms. A divulgação foi realizada com apoio dos membros das próprias CSAs em canais de comunicação próprios (e-mail e aplicativos de mensagens como o WhatsApp). As questões tiveram como propósito conhecer a opinião de membros a respeito de cada CSA, sobre aspectos como significado de fazer parte, satisfação com as cestas de alimentos e formas de interação preferidas. A pesquisa acerca da safra 2019 ocorreu entre o final de janeiro e o início de março de 2020, e o presente trabalho centrou a análise na questão sobre o significado de fazer parte da CSA.

No instrumento, foram apresentadas 14 sentenças acerca do significado de fazer parte, solicitando-se que cada participante assinalasse as três mais importantes. As frases eram: Apoiar a agricultura familiar (AAF); Apoiar o desenvolvimento local (ADL); Confiar na possibilidade de vivermos um modelo de economia mais justo (CPV); Conhecer a origem dos alimentos (CAA); Cuidar da saúde da minha família (CSF); Garantir uma dieta equilibrada e nutritiva (GDE); Participar de uma comunidade (PDC); Praticar cidadania, impactando positivamente a sociedade (PCI); Praticar sustentabilidade, impactando positivamente o meio ambiente (PSI); Ter acesso a alimentos saborosos (TAA); Ter acesso a alimentos sem agrotóxicos (TAS); Ter acesso a produtos do bioma cerrado (TAP); Ter proximidade com o produtor (TPP); e Ter vivência e consciência coletiva (TVC). Tais opções foram elaboradas a partir de um levantamento exploratório feito pela CSA2 no início de 2019, que foi gentilmente fornecido às pesquisadoras.



Em relação aos participantes, na primeira CSA abordada (CSA1) houve 30 respondentes e na segunda (CSA2) houve 29 participantes, o que representa mais de 70% dos coagricultores de cada uma delas. Coletou-se, também, o sexo e a idade dos participantes. A maioria era composta por mulheres e a idade média obtida foi de 41 anos. Foi perguntado, adicionalmente, há quanto tempo o coagricultor fazia parte da CSA, e obteve-se que 22 respondentes faziam parte há menos de um ano, 13 aderiram de um a dois anos atrás e 24, há mais de dois anos.

As informações coletadas foram submetidas a análises descritivas e inferenciais, buscando conhecer o significado de fazer parte da CSA para os dois grupos. Por meio do programa IBM SPSS Statistics 26, foi realizada uma análise de agrupamento com base nas seleções dos itens de significado. O agrupamento hierárquico aglomerativo, conduzido pelo método de Ward e com a aplicação da distância euclidiana, classificou os indivíduos em cinco grupos, descritos a partir dos próprios significados assinalados pelos coagricultores no questionário.

Para compreender os itens que mais contribuíram para a formação de cada grupo e, assim, entender o significado, foi realizado um teste não paramétrico de Kruskal-Wallis, primeiramente entre todos os 14 itens e os cinco grupos identificados. Para itens com diferenças significativas entre os grupos ( $p < 0,05$ ), o Kruskal-Wallis foi aplicado de modo par a par para comparações múltiplas, com ajuste dos valores de significância pela correção de Bonferroni. Por fim, realizou-se uma análise considerando a complementaridade dos resultados dos dois estudos, visando observar possíveis semelhanças no significado de fazer parte pelas distintas estratégias empíricas empregadas.

## RESULTADOS

A apresentação dos resultados está organizada em duas seções principais, que exploram a percepção dos membros das CSAs sobre o significado de participar desse tipo de comunidade. No Estudo 1, é apresentada uma análise textual de classificação hierárquica descendente (CHD) combinada com análise fatorial de correspondência (AFC). No Estudo 2, são descritos os aspectos relacionados a fazer parte de uma CSA pelos coagricultores entrevistados, com base nos quais foi realizada uma análise de agrupamento dos dados referentes ao significado de pertencer ao movimento CSA.

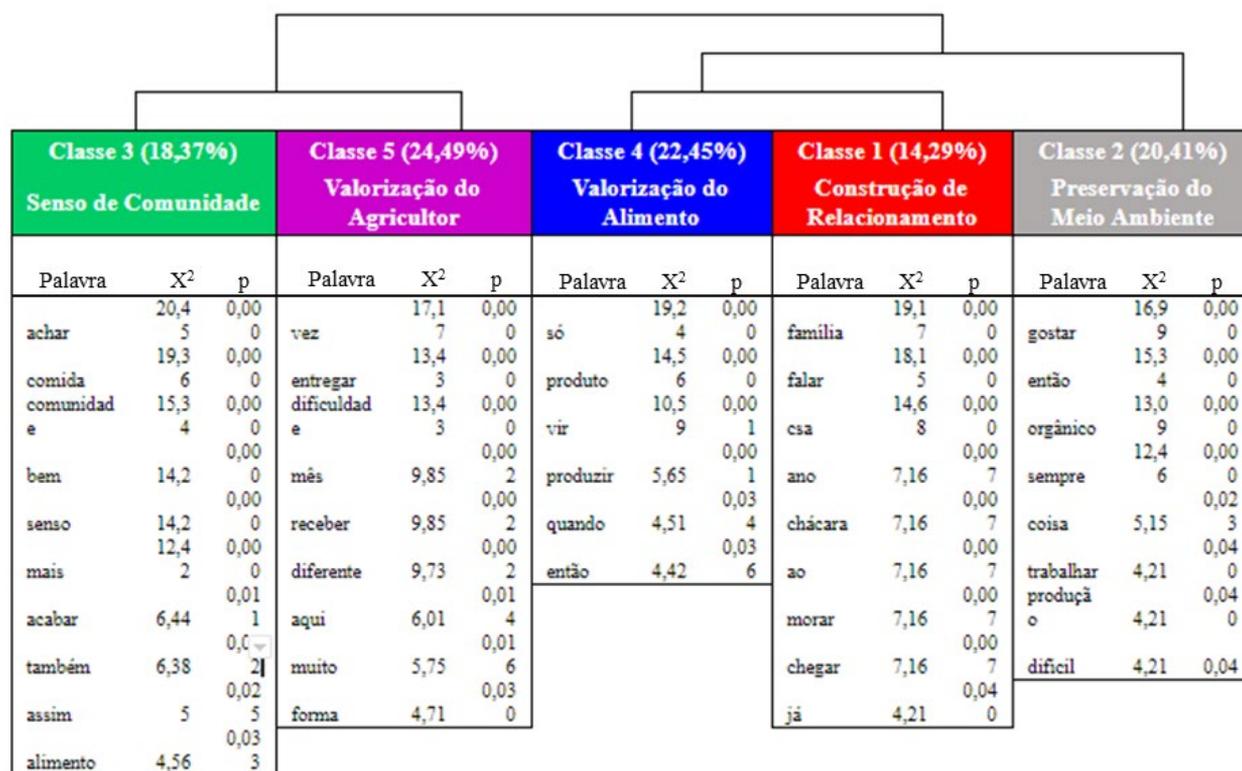


## Estudo 1 | Análise textual das entrevistas com membros de CSA

No Estudo 1, procurou-se explorar, a partir das entrevistas realizadas com agricultores e coagricultores de CSAs de Brasília (DF) e com o uso do software Iramuteq, quais foram as principais categorias de significados (classes) referentes a fazer parte de uma CSA, a partir de análise textual da percepção fornecida pelos entrevistados.

Para isso, obteve-se a classificação hierárquica descendente (CHD), que é um resumo da classificação onde os textos são organizados de acordo com seus vocabulários, formando um dendrograma que apresenta a partição do corpus e indica o tamanho de cada classificação. A Figura 1 mostra as palavras mais relevantes para cada classe obtida (com maiores valores de qui-quadrado) e  $p < 0,05$ .

**Figura 1** | Dendrograma da classificação hierárquica descendente (CHD) sobre o significado de fazer parte da CSA.





### **CLASSE 3: SENSO DE COMUNIDADE**

A classe 3 (em verde) apresentou 18,4% do total de UCEs. A denominação “senso de comunidade” é sugerida pelo fato de essa classe ter demonstrado o significado de fazer parte de uma CSA em termos de “senso”, “comunidade” e “comida”. Os entrevistados mencionaram que, ao participar, “você consegue criar vínculos tanto com a galera da comunidade quanto com o agricultor”, que “a comida acaba sendo um detalhe perto do senso de comunidade que isso traz” e que “você acaba conhecendo outras pessoas do bairro”. Para essa classe, fazer parte de uma CSA corresponde a participar de uma comunidade, principalmente para os coagricultores.

### **CLASSE 5: VALORIZAÇÃO DO AGRICULTOR**

A classe 5 (em roxo) apresentou 24,5% do total de UCEs e recebeu a denominação “valorização do agricultor” devido às menções levantadas pelos entrevistados, tais como: “a melhor ferramenta que tem para colocar o camponês em destaque novamente e dar a ele uma condição”. Alguns dos termos mais utilizados nessa classificação foram “entregar”, “receber”, “dificuldade” e “diferente”. Observou-se a percepção de que é uma forma diferente de se relacionar com o produtor rural e de receber o produto. Segundo um agricultor, “isso já é muito diferente, tem a parte de receber também adiantado, a gente recebe no mês o que vai entregar no mês”. Ou seja, o produtor rural percebe uma remuneração garantida ao participar de uma CSA. Além disso, foi mencionado que “é fazer na prática um pensamento que a gente tem muito, e que tem dificuldade de realizar”, relacionado a apoiar a agricultura familiar. Assim, fazer parte da CSA significa uma aproximação com o produtor rural que, em meios convencionais, poderia não ocorrer, com menções tanto de agricultores quanto de coagricultores.

### **CLASSE 4: VALORIZAÇÃO DO ALIMENTO**

A Classe 4 (em azul) apresentou 22,4% do total de UCEs, recebendo a denominação “valorização do alimento” devido a menções como “poder levar um pessoal à minha casa para ver minha chácara, minha produção, mostrar para eles como a gente produz, que a gente faz com carinho”, “a CSA é uma tecnologia social que valoriza o agricultor e o alimento”, “a CSA veio completa, foi trazendo dignidade ao produtor, sabe, porque as pessoas olham para os produtos,



olha, acho uma alegria tão grande”. Alguns dos principais termos utilizados pelos entrevistados e que estão em destaque no plano cartesiano da AFC são “produto” e “produzir”. Para essa classe, o produto, em si, tem uma função importante para fazer parte de uma CSA, tanto para agricultores quanto para coagricultores. Este fator está relacionado ao aumento geral no interesse por alimentos orgânicos, em função de uma preocupação maior com a saúde e o bem-estar das pessoas, além do impacto ambiental dos produtos convencionais (Dias *et al.*, 2015), podendo ser um canal de grande atração para o modelo das CSAs.

### **CLASSE 1: CONSTRUÇÃO DE RELACIONAMENTO**

A Classe 1 (em vermelho), com 14,3% do total de UCEs, tem a denominação sugerida “construção de relacionamento” devido a menções como “ter sua relação direta com quem consome o nosso produto” e “minha esposa, eu conheci ela no CSA”. Algumas das principais palavras levantadas por STs desta classe, conforme indicado no plano cartesiano, são “família” e “CSA”. Ressalta-se que não houve coagricultor com elementos desta classe, apenas agricultores.

### **CLASSE 2: PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE**

A Classe 2 (em cinza) possui 20,4% do total das UCEs, e sua denominação sugerida foi “preservação do meio ambiente” devido a menções dos entrevistados como “contribuir com a natureza”, “adotar uma atitude mais responsável em termos de consumo”, “dedicar-se mesmo ao trabalho de preservação da natureza”, “um movimento importante para apoiar a agricultura orgânica, apoiar a preservação ambiental, a sustentabilidade”. Os termos “orgânico” e “gostar” estão entre algumas das principais palavras mencionadas pelos entrevistados (tanto agricultores quanto coagricultores) e indicadas no plano cartesiano.

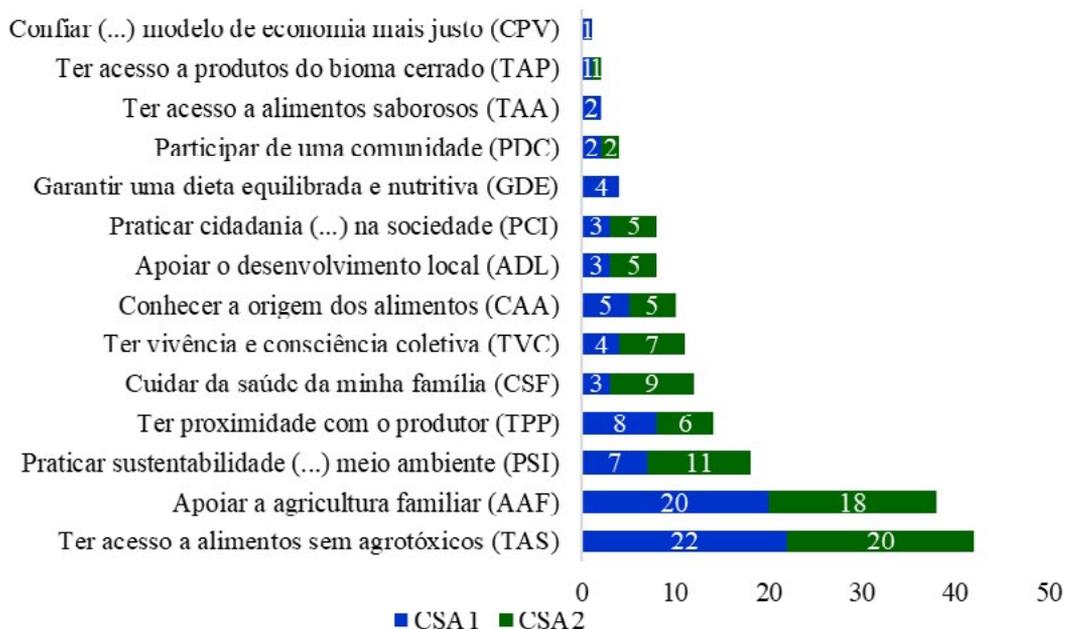
Cada uma dessas classes representa uma faceta distinta do significado de participar de uma CSA, ilustrando a complexidade e a riqueza das motivações e percepções dos seus membros. As CSAs emergem como espaços multifacetados, onde a alimentação, a comunidade, o respeito pelo trabalho agrícola, as relações pessoais e a sustentabilidade ambiental se entrelaçam, criando um modelo de produção e consumo que transcende o convencional.



## ESTUDO 2 – ANÁLISES DESCRITIVAS DE QUESTIONÁRIOS APLICADOS EM CSA

O Estudo 2 se fundamentou na aplicação de questionário a membros de duas CSAs, que puderam assinalar até três opções pré-estabelecidas para a pergunta sobre o que significa fazer parte de uma CSA. Reunindo os resultados em análise de frequência, obteve-se a Figura 3.

**Figura 3** | Frequência de respostas aos itens de significado de fazer parte da CSA.



A Figura 3 demonstra que, para o conjunto de coagricultores entrevistados, ter acesso a alimentos sem agrotóxicos (TAS) é considerado um significado importante de fazer parte de uma CSA, juntamente com apoiar a agricultura familiar (AAF). Em terceiro lugar, está “praticar sustentabilidade, impactando positivamente o meio ambiente”. Destaca-se que, considerando apenas a CSA1, “ter proximidade com o agricultor” foi um fator tão relevante quanto a questão da sustentabilidade.

A partir das respostas fornecidas por cada coagricultor individualmente (independentemente de sua CSA), realizou-se a análise de agrupamento. Ou seja, os consumidores foram agrupados conforme a indicação de significados de pertencer à CSA, originando um dendrograma. Na análise da linha de corte, optou-se pela formação de cinco grupos de coagricultores, que se distinguem pelo padrão de resposta aos significados. Esses grupos são apresentados na Tabela 1, que compara apenas os nove itens (dos 14) que mostraram diferença significativa no teste de Kruskal-Wallis para amostras independentes, seguido de comparações múltiplas com correção de Bonferroni.

**Tabela 1** | Contagem de respostas conforme os itens de significados de pertencer à CSA, por grupos

Itens	“Dieta e Origem” Grupo 1 (16,9%)	“Segurança e Proximidade” Grupo 2 (22,0%)	“Cidadania” Grupo 3 (25,4%)	“Convivência” Grupo 4 (13,6%)	“Sustentabilidade Ambiental” Grupo 5 (22,0%)
TAS	9a	12a	14a	0b	7ab
AAF	3a	4a	11ab	8b	12b
PSI	1a	2a	2a	0a	13b
TPP	0a	7b	1a	6b	0a
TVC	0ab	5ab	0a	4b	2ab
CAA	9a	0b	0b	1b	0b
PCI	0a	0a	8b	0a	0a
GDE	4a	0b	0b	0b	0b
TAA	0a	0a	0a	2b	0a

Obs. Letras diferentes (a, b) em uma mesma linha demonstram diferenças estatística ( $p < 0,05$ ) do respectivo item entre os grupos.

Na Tabela 1, nota-se que o Grupo 1, representando 16,9% dos respondentes, tem como principal significado de fazer parte de uma CSA o acesso a alimentos sem agrotóxicos (TAS), seguido de conhecer a origem dos alimentos (CAA). Este grupo se distingue dos outros pelo maior número de coagricultores que indicaram CAA e GDE (garantir uma dieta equilibrada e nutritiva), por isso foi denominado “Dieta e Origem”.

O Grupo 2, abrangendo 22% dos participantes, também destacou o acesso a alimentos sem agrotóxicos (TAS) entre os principais significados, seguido pela proximidade com o produtor (TPP). Diferenciou-se dos demais grupos por combinar esses dois aspectos como os mais relevantes, já que os grupos 1 e 3, que também destacaram TAS, não consideraram TPP como um aspecto importante. Portanto, foi chamado de “Segurança e Proximidade”.

O Grupo 3, um pouco maior em número de representantes (25,4%), recebeu o apelido de “Cidadania”. Neste grupo, o diferencial em relação aos demais foi o item de praticar cidadania, impactando positivamente a sociedade (PCI), uma menção específica não observada nos outros grupos.

O Grupo 4, com 13,6% dos participantes, foi nomeado “Convivência”, destacando-se principalmente pelo apoio à agricultura familiar (AAF), seguido pela proximidade com o produtor (TPP) e pela vivência e consciência coletiva (TVC). Diferenciou-se, principalmente, por não enfatizar

o acesso a alimentos sem agrotóxicos (TAS).

Por fim, o Grupo 5, intitulado “Sustentabilidade Ambiental”, incluiu 22% dos participantes. Este grupo viu a participação em uma CSA como uma forma de impactar positivamente o meio ambiente (PSI), além de apoiar a agricultura familiar (AAF) e ter acesso a alimentos sem agrotóxicos (TAS). Destacou-se dos demais pelo enfoque na sustentabilidade ambiental (PSI) como seu principal significado.

## DISCUSSÃO

Os dois estudos deste trabalho são complementares e ambos permitem analisar, cada um com sua contribuição empírica, o que significa fazer parte de uma Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA), sob a ótica dos membros. O Estudo 1 identificou cinco classes de significados de pertencer à CSA para produtores e coagricultores. Por sua vez, o Estudo 2 possibilitou a identificação de cinco grupos de coagricultores baseados no significado de pertencer à CSA. A Tabela 2 resume as classes e grupos identificados e oferece algumas referências, fundamentando a discussão subsequente.

**Tabela 2** | Resumo de significados identificados nos Estudos 1 e 2

Estudo 1	Estudo 2	Referências
Classe 3: Senso de Comunidade	Grupo 4: Convivência	Carolan (2017), de Bakker e Dagevos (2012), Escajedo San-Epifanio (2015), Hassanein (2008), Welsh e MacRae (1998)
Classe 5: Valorização do Agricultor	Grupo 2: Segurança e Proximidade / Grupo 3: Cidadania	Schnell (2007), Lyson (2005)
Classe 4: Valorização do Alimento	Grupo 1: Dieta e Origem	de Bakker e Dagevos (2012), Hassanein (2008)
Classe 1: Construção de Relacionamento	-	Welsh e MacRae (1998), Phillips (2006)
Classe 2: Preservação do Meio Ambiente	Grupo 5: Sustentabilidade Ambiental	Lozano-Cabedo e Gómez-Benito (2017), Renting <i>et al.</i> (2012), de Bakker e Dagevos (2012), de Tavernier (2012)



## SENSO DE COMUNIDADE E CONVIVÊNCIA

A Classe 3 do Estudo 1, denominada “Senso de Comunidade”, destaca a importância que a CSA tem na proximidade entre as pessoas de uma comunidade. Schnell (2007), ao estudar a CSA, observou que todas as propriedades rurais levam o aspecto “comunidade” a sério, esforçando-se para estabelecer um senso mais amplo de comunidade entre os membros, bem como suas conexões. Em comparação com o Estudo 2, essa classe se assemelha ao Grupo 4, denominado “Convivência”, para o qual fazer parte de uma CSA significa apoiar a agricultura familiar, ter proximidade com o produtor e ter vivência e consciência coletiva. Esses significados corroboram com autores que apontam que, para participar de comunidades como a CSA, as pessoas normalmente apresentam alto grau de empatia pelo outro (Carolan, 2017) e carregam valores de cuidado com a comunidade e o meio ambiente (De Bakker; Dagevos, 2012). Esses valores estão entre os principais pilares para manter a sustentabilidade de organizações como as CSAs (Melo *et al.*, 2022).

## VALORIZAÇÃO DO AGRICULTOR E SEGURANÇA E PROXIMIDADE/CIDADANIA

A Classe 5 do Estudo 1 corrobora com a literatura sobre as relações estabelecidas dentro das CSAs entre consumidores e agricultores, promovendo a formação de conexões locais e vínculos diretos entre esses perfis (Schnell, 2007). Ela pode ser comparada ao Grupo 2 do Estudo 2, “Segurança e Proximidade”, que combinou o acesso a alimentos sem agrotóxicos com a proximidade com o produtor. A Classe 5 do Estudo 1 se assemelha também ao Grupo 3 do Estudo 2, “Cidadania”. Este grupo associou fazer parte de uma CSA a praticar cidadania, impactando positivamente a sociedade, e foi o grupo com mais representantes.

Esses significados se relacionam à reflexão sobre cidadania alimentar, considerando a importância da alimentação e nutrição como um aspecto social, sua relevância econômica, seu caráter globalizado, o fato de ser um setor altamente regulamentado e os riscos relacionados à alimentação (Lozano-Cabedo; Gómez-Benito, 2017). Segundo Schnell (2007), a cidadania alimentar também aproxima o produtor do coagricultor, o que favorece a conscientização dos consumidores sobre a cadeia de suprimentos. Assim, essa percepção de fazer parte de uma CSA remete ao desenvolvimento da economia local (Lyson, 2005), o que ocorre por meio do apoio às famílias produtoras de alimentos,



e está amparado pela segurança que isso proporciona, bem como pela prática de cidadania em si. Essa valorização envolve também o processo de fornecer segurança, potencializando a empatia e racionalidade dos envolvidos (Sousa Junior *et al.*, 2023).

## **VALORIZAÇÃO DO ALIMENTO E DIETA E ORIGEM**

As percepções trazidas pela Classe 4 do Estudo 1 estão vinculadas ao desejo de integrar movimentos como o da CSA, onde as pessoas buscam alimentos saudáveis e com preços justos, promovendo transformações no padrão de consumo (De Bakker; Dagevos, 2012). Essa Classe pode ser comparada ao Grupo 1 do Estudo 2, “Dieta e Origem”, que vê o significado de fazer parte de uma CSA principalmente no acesso a alimentos sem agrotóxicos e em conhecer a origem dos alimentos, com indivíduos preocupados, também, em garantir uma dieta equilibrada e nutritiva.

Esses significados promovem o entendimento de que integrar esses sistemas incentiva a familiarização do consumidor com os alimentos e o sistema alimentar (Hassanein, 2008).

## **CONSTRUÇÃO DE RELACIONAMENTO**

Os elementos da Classe 1 do Estudo 1 associam fazer parte de uma CSA à construção de relacionamentos mais próximos e individualizados, incluindo casos de formação de família a partir do relacionamento vivenciado na CSA. Na literatura, pessoas que integram sistemas alimentares alternativos valorizam relações autênticas (Welsh; Macrae, 1998) e acreditam no poder de criar alianças (Phillips, 2006). Com isso, surgem percepções sobre como a família se fortalece ao participar de uma CSA.

Contudo, não há uma equivalência clara entre esta classe e os grupos do Estudo 2, especialmente porque não havia, inicialmente, opções de sentenças sobre relacionamento de cunho familiar no questionário do Estudo 2, que foi construído com base em uma exploração prévia de significados para coagricultores. De fato, a Classe 1 foi obtida apenas a partir de menções de agricultores no Estudo 1, não tendo sido observada, pela CHD, contribuições de coagricultores sobre esse ponto. No entanto, conforme visto na Classe 3 do Estudo 1 e no Grupo 4 do Estudo 2, existe entre os coagricultores um senso de relacionamento coletivo entre as pessoas (coletivos) dentro do aspecto de convivência (em comunidade).



## PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

A Classe 2 do Estudo 1 tem um significado associado à preservação do meio ambiente. O cidadão alimentar, no contexto das RAAs, expressa a crença em um modelo alimentar sustentável e busca articular novos espaços econômicos alternativos e transformar as estruturas e organização do sistema agroalimentar (Lozano-Cabedo; Gómez-Benito, 2017). A Classe 2 está, portanto, bastante alinhada com a visão de que integrar mecanismos como a CSA é uma forma de promover ecologia e/ou agroecologia (Renting *et al.*, 2012), por parte de indivíduos que valorizam o cuidado com o meio ambiente (De Bakker; Dagevos, 2012).

Essa Classe é equivalente ao Grupo 5 do Estudo 2, intitulado “Sustentabilidade Ambiental”, cujo significado é pautado principalmente por impactar positivamente o meio ambiente. Esses significados indicam que cuidar do planeta é uma das prioridades dos cidadãos alimentares (De Tavernier, 2012). Assim, essa questão é um significado presente para os membros de CSAs em ambos os estudos realizados.

Diante do exposto, há uma conexão entre as associações de significados levantadas pelos entrevistados e o conceito de cidadania alimentar (Lozano-Cabedo; Gómez-Benito, 2017), posicionando a CSA como um movimento significativo para que indivíduos possam vivenciar o coletivo, apoiar o produtor, consumir alimentos saudáveis e alinhar-se a aspectos de sustentabilidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em dois estudos complementares, esta pesquisa identificou e discutiu diferentes significados de fazer parte da Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) na perspectiva do produtor e do consumidor.

A análise dos resultados sugeriu que o senso de comunidade está entre os principais sentidos de participar deste sistema, sendo um dos pilares fundamentais para manter a sustentabilidade de organizações como as CSAs. A valorização do agricultor também foi destacada tanto pelo produtor, refletindo a segurança e estabilidade financeira percebida, quanto pelo consumidor, que reconhece a importância de sustentar a agricultura familiar ao apoiar um produtor próximo.



Também se destacam os significados relacionados ao acesso a alimentos considerados saudáveis, por serem sem agrotóxicos e favoráveis à dieta, bem como à sustentabilidade, que envolve a percepção de impactar positivamente o meio ambiente pelos participantes. Foi observado que tais elementos de significado estão alinhados ao campo teórico das Redes Alimentares Alternativas (RAA) e da cidadania alimentar, avançando na área ao sugerirem dimensões temáticas relevantes para análises em estudos futuros.

Sendo a CSA uma organização, os significados identificados favorecem estratégias de gestão e marketing relacionadas à atração de novos membros às comunidades, por meio da divulgação dos benefícios de fazer parte, com base nos próprios significados obtidos. Portanto, os significados descritos são considerados relevantes para engajar mais indivíduos no movimento CSA, contribuindo com informações necessárias para a expansão contínua do movimento de adesão participativa, que promove a inclusão social e a popularização da produção e consumo de produtos orgânicos.

Os resultados encontrados destacam a contribuição das CSAs para o desenvolvimento regional de várias formas. Primeiramente, as CSAs promovem a inclusão social e popularizam a produção e consumo de produtos saudáveis e sustentáveis. Além disso, essas comunidades contribuem para a valorização da agricultura familiar, garantindo um mercado seguro e estável para produtores locais. As CSAs também desempenham um papel na preservação do meio ambiente, ao promoverem a produção agroecológica e adotarem práticas sustentáveis que protegem o solo, a água e a biodiversidade.

Os significados identificados não apenas revelam a riqueza da experiência nas CSAs, mas também orientam estratégias de gestão e marketing para atrair novos membros. A ênfase no senso de comunidade, valorização do agricultor, sustentabilidade e acesso a alimentos saudáveis pode ser incorporada nas estratégias de comunicação das CSAs, atraindo consumidores alinhados com esses valores específicos e fortalecendo a adesão ao movimento CSA.

Sugere-se a realização de novas pesquisas em diferentes regiões do país, considerando que os achados desta pesquisa foram obtidos em uma localidade representativa, mas que podem apresentar significados distintos em outras áreas. Outros mecanismos que aproximam consumidores e produtores rurais podem ser estudados no contexto brasileiro, permitindo comparações de seus



significados de participação com os das CSAs. Estudos quantitativos dedutivos também podem confirmar como os diferentes significados de participação nas CSAs se relacionam com os perfis dos indivíduos, comportamentos e outras motivações, aproximando este campo de pesquisa à literatura de marketing e comportamento do consumidor.

Por fim, destaca-se que a pesquisa focou em CSAs de Brasília (DF), a região com o maior número de comunidades no Brasil, o que pode indicar consumidores mais conscientes e engajados que a média nacional. Portanto, alguns dos significados identificados aqui podem não ser observados em outras localidades com CSAs. Ainda assim, esta contribuição favorece a construção de conexões práticas dentro do campo teórico da cidadania alimentar e das redes alimentares alternativas (RAA).

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, I.; SILVA, D.; CALEMAN, S. Análise da eficácia social de um programa de produção agroecológica destinado a pequenos produtores rurais. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional (G&DR)**. V. 12, N. 2, P. 22-43, mai-ago/2016.

ARBIT, N. *et al.* Spheres of moral concern, moral engagement, and food choice in the USA and Germany. **Food Quality and Preference**, [s. l.], v. 62, p. 38–45, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.ez54.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S0950329317301556>. Acesso em: 19 ago. 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

CAROLAN, M. Future Food “Needs”: From Consumer to Citizen Choice. **Sociologia Ruralis**, [s. l.], v. 54, n. 1, p. 98–100, 2014.

CAROLAN, M. More-than-Active Food Citizens: A Longitudinal and Comparative Study of Alternative and Conventional Eaters. **Rural Sociology**, [s. l.], v. 82, n. 2, p. 197–225, 2017.

CSA Brasília. **Comunidades**. Disponível em: <<https://csabrasilia.wordpress.com/csabrasilia/comunidades>>. Acesso em: 1 Jul. 2020.

DAGNINO, R. Tecnologia Social: base conceitual. *Ciência & Tecnologia Social*, v. 1, p. 1-12, **Ciência & Tecnologia Social**, julho 2011.

DE BAKKER, E.; DAGEVOS, H. Reducing Meat Consumption in Today’s Consumer Society: Questioning the Citizen-Consumer Gap. **Journal of Agricultural and Environmental Ethics**, [s. l.], v. 25, n. 6, p. 877–894, 2012.

DE TAVERNIER, J. Food citizenship: Is there a duty for responsible consumption?. **Global Food Security: Ethical and Legal Challenges: EurSafe 2010 Bilbao, Spain 16-18 September 2010**, [s. l.], p. 251–256, 2010.

DENNY, R. C. H.; WOROSZ, M. R.; WILSON, N. L. W. The Importance of Governance Levels in Alternative Food Networks: The Case of Red Meat Inspection Rules. **Rural Sociology**, [s. l.], v. 81, n. 4, p. 601–634, 2016.

DIAS, V. V.; SCHULTZ, G.; SILVA, M.; SCHUSTER, E.; TALAMINI, J.; RÉVILLION, P. O mercado de alimentos orgânicos: um panorama quantitativo e qualitativo das publicações internacionais. **Ambiente & Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 161-182, 2015.



ESCAJEDO SAN-EPIFANIO, L. Challenging Food Governance Models: Analyzing the Food Citizen and the Emerging Food Constitutionalism from an EU Perspective. **Journal of Agricultural and Environmental Ethics**, [s. l.], v. 28, n. 3, p. 435–454, 2015.

FISHER, J. D.; FISHER, W. A.; AMICO, K. R.; HARMAN, J. J. Um modelo informação-motivação-habilidade comportamental de adesão à terapia antirretroviral. **Psicologia da Saúde**, v. 25, n. 4, p. 462-473, jul. 2006. DOI: 10.1037/0278-6133.25.4.462. PMID: 16846321.

HASSANEIN, N. Locating food democracy: Theoretical and practical ingredients. **Journal of Hunger and Environmental Nutrition**, [s. l.], v. 3, n. 2–3, p. 286–308, 2008.

JACOBS, S. A.; DE BEER, H.; LARNEY, M. Adult consumers' understanding and use of information on food labels: a study among consumers living in the Potchefstroom and Klerksdorp regions, South Africa. **PUBLIC HEALTH NUTRITION**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 510–522, 2011.

LEHNER, M. Alternative Food Systems and the Citizen-consumer. **Journal of Agriculture, Food Systems, and Community Development**, [s. l.], v. 3, n. 4, p. 1–5, 2013.

LOCKIE, S. Responsibility and agency within alternative food networks: Assembling the “citizen consumer”. **Agriculture and Human Values**, [s. l.], v. 26, n. 3, p. 193–201, 2009.

LOPES, I. B.; VIANA, M. M.; ALFINITO, S. Redes alimentares alternativas em meio à Covid-19: reflexões sob o aspecto da resiliência. **Gestão e Sociedade**, [s. l.], v. 14, n. 39, p. 3750–3758, 2020.

LOZANO-CABEDO, C.; GÓMEZ-BENITO, C. A Theoretical Model of Food Citizenship for the Analysis of Social Praxis. **Journal of Agricultural and Environmental Ethics**, [s. l.], v. 30, n. 1, p. 1–22, 2017.

LYSON, T. A. Civic Agriculture and Community Problem Solving. **Culture & Agriculture**, [s. l.], v. 27, n. 2, p. 92–98, 2005. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1525/cag.2005.27.2.92>.

MARTINS, R.; SONÁGLIO, C. Dinâmica de construção das cadeias curtas agroalimentares e o crescimento regional. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional (G&DR)**. V. 15, N. 6, Edição Especial, P. 186-198, nov/2019.

MEIRELES, T. **Você já ouviu falar na Comunidade que Sustenta a Agricultura?** Disponível em: < <https://www.wwf.org.br/?65282/CSA-Comunidade-que-Sustenta-a-Agricultura>>. Acesso em: 23 mar. 2019.

MELO, A. M.; FEITAS, A. F. de; CALBINO, D. Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): o que sustenta a comunidade? **DRd - Desenvolvimento Regional Em Debate**, v. 12, p. 539–562, 2022.

NASCIMENTO, A., MENANDRO, P. Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada. **Estud. psicol.**, v. 6, n. 2, p. 72-88, Rio de Janeiro, dez. 2006.

O’KANE, G.; PAMPHILON, B. The importance of stories in understanding people’s relationship to food: Narrative inquiry methodology has much to offer the public health nutrition researcher and practitioner. **Public Health Nutrition**, v. 19, n. 4, p. 585–592, 2016.

PHILLIPS, L. Food and Globalization. **Annual Review of Anthropology**, [s. l.], v. 35, n. 1, p. 37–57, 2006. Disponível em: <http://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev.anthro.35.081705.123214>.

RENTING, H.; SCHERMER, M.; ROSSI, A. Building Food Democracy: Exploring Civic Food Networks and Newly Emerging Forms of Food Citizenship. **International Journal of Sociology of Agriculture and Food**, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 289–307, 2012.

SALVIATI, M. E. **Manual do Aplicativo Iramuteq: compilação, organização e notas**. In: Iramuteq.org. Planaltina, DF, 31 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati>>. Acesso em: 5 mai. 2020



SCHNELL, S. M. Food With a Farmer'S Face: Community-Supported Agriculture in the United States. **Geographical Review**, [s. l.], v. 97, n. 4, p. 550–564, 2010. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1111/j.1931-0846.2007.tb00412.x>.

SOUSA JUNIOR, Edimar dos Santos de, *et al.* Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA): percepção de agricultores e coagricultores. **Interações** (Campo Grande), v. 24, p. 445-460, 2023.

TIERLING, I.; SCHMIDT, C.; Ação coletiva e criação de valor: Um estudo na associação de produtores de Corumbataí (PR). **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional** (G&DR). V. 13, N. 2, P. 3-25, mai-ago/2017.

VOLZ, P. *et al.* **Overview of Community Supported Agriculture in Europe**. [S. l.: s. n.], 2016. Disponível em: <http://urgenci.net/the-csa-research-group>.

WELSH, J.; MACRAE, R. Food Citizenship and Community Food Security: Lessons from Toronto, Canada. **Canadian Journal of Development Studies/Revue canadienne d'études du développement**, [s. l.], v. 19, n. 4, p. 237–255, 1998. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02255189.1998.9669786>.

WILKINS, J. L. Eating right here: Moving from consumer to food citizen: 2004 presidential address to the agriculture, food, and human values society, Hyde Park, New York, June 11, 2004. **Agriculture and Human Values**, [s. l.], v. 22, n. 3, p. 269–273, 2005.

WOODS, T.; ERNST, M.; TROPP, D. **Community Supported Agriculture: New Models for Changing Markets**. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: <https://www.ams.usda.gov/sites/default/files/media/CSANewModelsforChangingMarketsb.pdf>.

